



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

O ENSINO NA PERSPECTIVA DA COOPERAÇÃO COMUNICATIVA¹

Juliana Scheibner Dellafavera².

¹ Estudo feito no âmbito do componente curricular Linguagem, Educação e Cidadania do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUI; Temática vinculada ao projeto de dissertação em desenvolvimento no Curso de Mestrado, sob a orientação do Prof. Dr. José Pedro Boufleuer.

² Aluna do Curso de Mestrado em Educação nas Ciências da UNIJUI, bolsista UNIJUI, E-mail: julianascheibner@yahoo.com.br.

Resumo: A concepção de linguagem determina o modo como o professor irá agir em sala de aula. Por isso, se torna tão importante estudá-la e entendê-la como processo de interação social. Neste sentido, encontramos suporte teórico na filosofia pragmática que tem como ponto de partida os trabalhos dos filósofos John Austin e Paul Grice. A proposta desta filosofia é estudar a linguagem nas situações concretas de fala e quais são os significados atribuídos tanto pelo locutor como pelo interlocutor. Além disso, a pragmática se preocupa em analisar como os falantes organizam o que pretendem dizer considerando o contexto, as inferências feitas pelos receptores, e ainda, observa o não dito como parte do que é comunicado. Para tanto, a teoria do Princípio Cooperativo, desenvolvida por Paul Grice, se dispõe a analisar as condições que regem a conversação. Tendo isso em vista, acreditamos ser relevante identificar aquilo que não foi dito, mas que está implícito, para que a compreensão do sentido na interação seja garantida.

Palavras-Chave: Linguagem; Princípio Cooperativo; Máximas Conversacionais.

Introdução

Durante muito tempo, grande parte das correntes filosóficas considerou a linguagem como um instrumento. Ela servia apenas para descrever ou representar a realidade, cumprindo a função de dizer como as coisas são. Nesta perspectiva, a semântica formal apresenta um modelo lógico e dedutivo de raciocínio, no qual o sentido é estabelecido na relação da linguagem com o mundo a partir do conceito de verdade. No entanto, essa forma de conceber a linguagem não foi a mais adequada para explicitar muitos fenômenos linguísticos. Por isso surge a pragmática, que vai se ocupar dessa discussão. A proposta dessa teoria é estudar a linguagem nas situações concretas de fala e quais são os significados atribuídos tanto pelo locutor como pelo interlocutor. Além disso, a pragmática se preocupa em analisar como os falantes organizam o que pretendem dizer considerando o contexto, as inferências feitas pelos receptores, e ainda, observa o não dito como parte do que é comunicado.

Quando um locutor enuncia uma determinada frase, percebemos que este possui uma intenção e, para que esta seja plenamente entendida, precisamos compreender que a linguagem informa muito mais do que aquilo que está realmente expresso em um enunciado, pois quando se enuncia, comunicam-se





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

também conteúdos implícitos. O que queremos comunicar depende não só do conteúdo explícito, mas principalmente do implícito e dos fatores extralinguísticos. Um dos vieses da Pragmática é estudar a relação entre o dito e o implicado. Para tanto, uma das teorias que se dispõe a esse tipo de estudo é a teoria do Princípio Cooperativo desenvolvida por Paul Grice, que trata das condições que regem a conversação.

Tendo isso em vista, o objetivo deste estudo é apresentar a teoria do Princípio Cooperativo, bem como as máximas conversacionais para tentar compreender de que forma, em determinadas situações, o sujeito que enuncia lança mão de estratégias discursivas para comunicar algo muito além daquilo que ele realmente enunciou.

Metodologia

Realizamos um estudo bibliográfico sobre a Pragmática e seus principais fundamentos teóricos, mais precisamente sobre o Princípio Cooperativo e as máximas conversacionais.

Resultados e Discussões

Grice (1986), um filósofo americano, estudou os princípios gerais que determinam os comportamentos linguísticos e a maneira de utilizar a linguagem na comunicação. A partir da sua contribuição, a Pragmática estabeleceu uma nova forma de entender os fatores envolvidos numa conversação. A base das máximas conversacionais do teórico tem como suporte um princípio cooperativo entre locutor e interlocutor, que rege a comunicação. As informações fornecidas num dado momento, conforme o princípio cooperativo, fazem parte do conhecimento comum dos falantes que depende do contexto conversacional. Este autor contribuiu com a noção de implicatura que corresponde à sugestão e à insinuação.

Existem dois tipos de implícitos: um que é dado pela linguagem que são os acarretamentos e os pressupostos, e outro que são os implícitos dados pelo contexto, que é o subentendido. Neste último caso, a comunicação não é literal e só pode ser entendida dentro do contexto. Sendo assim, os falantes informam muito mais do que as palavras da frase significam e, ainda, certos enunciados têm a capacidade de implicar outros (FIORIN, 2004, p 168).

Quando duas pessoas dialogam, elas não produzem apenas enunciados organizados gramaticalmente e de forma aleatória. Elas possuem uma intenção, as quais são governadas por regras implícitas que regem a comunicação. Considerando o exposto, Grice formulou um princípio geral que deveria ser observado pelos participantes de uma dada comunicação. Este princípio determina que a contribuição conversacional deve ser feita tal qual foi requerida, no instante em que ocorreu, pelo propósito “ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado” (GRICE, 1986, p. 86).

Para o filósofo, a linguagem é uma ferramenta que pode ser usada pelo locutor para comunicar ao seu receptor suas intenções, nas quais está introduzido o sentido. A sua preocupação central era de encontrar uma forma de descrever os efeitos de sentido que vão além do significado literal. Para tanto, ele se questionava acerca das possibilidades de um enunciado significar mais do que a literalidade. Ele



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

acreditava que havia algum tipo de regra que permitisse alguém transmitir algo além da sentença propriamente dita. E o que mais inquietava o teórico era como o interlocutor entendia a informação extra. Fundamentado na distinção entre o significado literal e o significado derivado do contexto da conversação, que é apreendida pelo locutor através do raciocínio lógico, Grice desenvolveu o Princípio Cooperativo, que é composto por quatro categorias: quantidade, qualidade, relação e modo (op. cit, p. 83 - 86).

Máxima da Quantidade

1. Faça sua contribuição tão informativa quanto for solicitado
2. Não faça sua contribuição mais informativa do que é solicitado

Máxima da Qualidade

1. Não diga o que você acredite ser falso
2. Diga somente aquilo que você possa comprovar

Máxima da Relação

1. Seja relevante

Máxima do Modo

1. Evite obscuridade de expressão
2. Evite ambiguidade
3. Seja breve
4. Seja ordenado (1986, p. 86 - 88).

Para o teórico muitos cometem um erro que “resulta de não prestar a devida atenção à natureza e importância das condições que governam a conversação” (GRICE, 1986, p.83). Neste mesmo sentido, Fiorin (2004, p. 175) afirma que para estabelecer a construção e a compreensão dos atos de fala indiretos é preciso conhecer os princípios que regem a conversação. O autor declara também que muitas vezes só se percebe o propósito de um enunciado quando se entendem os implícitos.

Pela ótica de Armengaud (2006), cada uma das máximas corresponde a questões que ajudam a interpretar a comunicação: uma diz respeito à informatividade, outra à sinceridade, outra à pertinência e outra à civilidade. Para a autora, essas máximas geralmente permanecem ocultas e, portanto, seu uso é essencialmente indireto (p. 88).

Conforme o pensamento de Grice (1986), certos enunciados informam muito mais do que as palavras que o compõem, ou seja, às vezes o que o locutor quer dizer vai muito além daquilo que ele realmente disse. Sendo assim, o falante usa alguma estratégia que permite ao interlocutor entender o verdadeiro significado. Entre as estratégias usadas está a sugestão, a insinuação, a ironia, entre outras. Para identificar aquilo que não foi dito, mas está implícito, o ouvinte, além de decodificar as palavras no seu sentido real, também lança mão das inferências. Para caracterizar aquilo que está além do significado real, Grice usa o termo técnico implicatura, que “são inferências que se extraem dos enunciados” (p. 84 - 86).

Armengaud (2006) chama atenção para o fato de que o nosso comportamento linguístico é algo sutil, pois alguns enunciados podem expressar múltiplos sentidos de acordo com a situação na qual são



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

proferidos e a intenção de quem os utiliza. Por outro lado, existem locutores que optam em se comunicar de uma forma mais complexa, ou seja, preferem enunciar indiretamente violando uma máxima, mas respeitando outra que é mais importante no ato da enunciação. Isso pode ocorrer quando um locutor tem uma razão específica e sabe que o seu interlocutor é capaz de identificar essa violação sem prejudicar o sentido almejado.

Estas máximas conversacionais ou discursivas, conforme a referida autora, fazem-nos perceber que o diálogo se submete a uma lógica, pois o não cumprimento de uma das máximas por um falante produz efeitos imprevisíveis dos que teria inicialmente. No entanto, nem sempre que uma das máximas é violada significa que o locutor estabeleceu um problema para o discurso. Em alguns momentos é por causa da infração de algumas das máximas que o sentido é produzido e, dessa forma, o princípio cooperativo é estabelecido.

Quando um falante fornece menos informações do que é necessário, quando ele diz algo que já é conhecido ou é falso, se ele afirma algo que é irrelevante, ou obscuro, ou ambíguo, ou confuso, isso significa que o princípio cooperativo não foi respeitado. Para tanto Grice (1986) destaca que:

É óbvio que a observância de algumas destas máximas é menos imperativa do que o é a observância de outras; uma pessoa que se expressou com prolixidade indevida estaria, em geral, sujeita a comentários mais brandos do que aquela que tivesse dito alguma coisa que acredita ser falsa. Na verdade pode-se pensar que a importância da primeira máxima da Qualidade (pelo menos) é tal que não precisaria estar incluída num esquema do tipo que estou construindo: outras máximas operam somente supondo-se que esta máxima da Qualidade esteja sendo cumprida (p. 88).

O conhecimento das regras que governam os atos de fala, bem como a intenção do falante ao enunciar, fazem parte do processo cooperativo. Este é um procedimento que as pessoas utilizam ao tentarem se comunicar de modo eficiente (fornecendo informações adequadas ou não, questionando, respondendo e respeitando regras de comportamento...). É necessário destacar o que Fiorin afirma:

As máximas conversacionais não são um corpo de princípios a ser seguido na comunicação, mas uma teoria de interpretação dos enunciados. Grice não ignora a existência dos conflitos na troca verbal. No entanto, mesmo quando a comunicação é conflituosa, ela opera sobre uma base de cooperação na interpretação dos enunciados, sem o que o conflito não se pode dar. Mesmo para divergir, os parceiros da comunicação precisam interpretar adequadamente os enunciados que cada um produz. Além disso, a existência das máximas implica sua violação. Por um lado, pode-se violar uma máxima, para não infringir outra, cujo respeito é mais importante (2004, p. 178).

Na sequência do seu estudo, Grice (1986) procura estabelecer uma conexão colocando lado a lado o Princípio Cooperativo, as máximas conversacionais e as implicaturas conversacionais. Dessa forma, o autor supõe que um indivíduo participante de um diálogo pode deixar de cumprir uma máxima de várias formas. Por exemplo: se alguém violar uma máxima poderá provocar equívocos. Um participante pode se negar a falar, portanto, não coopera e, ainda, pode-se enfrentar um conflito. Neste caso, quando um falante deixa de cumprir uma máxima, entram em cena as implicaturas conversacionais. Mesmo assim, de acordo com a teoria desenvolvida por Grice, uma máxima está sendo explorada. A partir da exploração das máximas criam-se determinados efeitos de sentido como a ironia e a metáfora (FIORIN, 2004, p. 178).



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

Grice (1986) diferencia dois tipos de implicaturas: as convencionais e as conversacionais. Esta é determinada pelo contexto e aquela tem o sentido estabelecido pelo significado convencional das palavras. Grice descreveu as implicaturas conversacionais “como essencialmente conectadas com certos traços gerais do discurso”. Ele tentou dizer quais eram estes traços do discurso. De acordo com o referido autor, os diálogos, pelo menos até certo ponto, “são esforços cooperativos, e cada participante reconhece neles, em alguma medida, um propósito comum ou um conjunto de propósitos, ou, no mínimo, uma direção mutuamente aceita” (p. 86).

Fiorin certifica que a distinção entre implicaturas convencionais e conversacionais parece bastante simples. Porém, Grice estabeleceu uma distinção entre implicaturas conversacionais generalizadas e implicaturas conversacionais particulares. A primeira é determinada por elementos linguísticos enquanto que a segunda é pelo contexto (2004, p. 177).

A implicatura convencional é provocada apenas por um elemento linguístico, ela não precisa de elementos contextuais para ser feita, enquanto a implicatura conversacional, seja ela generalizada ou particular, apela sempre para as noções de princípio da cooperação e máximas conversacionais (p. 177).

As implicaturas nos fazem perceber que o reconhecimento das intenções é extremamente importante na hora da interpretação de um enunciado. Isso exige do interlocutor não só um conhecimento do sentido literal dos termos, mas também exige a ativação dos conhecimentos prévios para que seja possível chegar ao verdadeiro significado. Pode-se afirmar que existe um processo de interação que acontece quando o leitor é capaz de contribuir com o seu conhecimento de mundo. É visto que o sentido real ou a intenção do autor muitas vezes está implícita. Sendo assim, o leitor só poderá compreender o texto se fizer uso dos seus conhecimentos e simultaneamente realizar inferências.

É importante ressaltar que as implicaturas convencionais, que são dadas pela língua, aparecem em número reduzido, enquanto que as implicaturas conversacionais são extremamente numerosas. E são estas que despertam o interesse e a curiosidade de Grice. Para ele, a conversação obedece princípios gerais que dão origem ao Princípio da Cooperação. “Por ele, o falante leva em conta sempre, em suas intervenções, o desenrolar da conversa e a direção que ela toma” (FIORIN, 2004, p. 177).

Considerações Finais

Considerando, portanto, o significado convencional das palavras, a intenção do locutor e as implicaturas, Grice afirma que os diálogos são esforços cooperativos reconhecidos. Cada participante reconhece na comunicação um propósito comum que direciona a conversa. Esse propósito pode ser estabelecido no início ou durante o diálogo.

Sabe-se que muito da comunicação verbal é expresso de forma indireta, o que pode criar um empecilho para a compreensão. Essa comunicação indireta representa um risco para o locutor, porque a mensagem verdadeira pode não ser entendida, ou até ser ignorada. Deste modo, é imprescindível que o interlocutor entenda que aquilo que o locutor enunciar é relevante e coerente para a comunicação, informando nada de mais nem de menos do que o necessário, comunicando claramente, evitando obscuridade ou ambiguidade. Caso contrário, quando esses elementos não se fazem presentes, o





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

interlocutor precisa buscar a implicatura para inferir sobre a mensagem transmitida. O emissor pode violar uma ou mais máximas para alcançar o seu objetivo comunicativo. Assim, as noções de Pragmática, juntamente com o conhecimento das máximas conversacionais, propiciam uma análise mais segura, porque além de levar em consideração o sentido, também se ocupam com o contexto da interação.

REFERÊNCIAS

ARMENGAUD, Françoise. A pragmática. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FIORIN, José Luiz. A linguagem em uso. In: Introdução à linguística. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2004, p.165 -186.

GRICE, Paul H. Lógica e conversação. In: DASCAL, Marcelo (org.). Fundamentos metodológicos da linguística. Pragmática. V IV. 1986.